

Público

Ípsilon

20-01-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Cultura

Dimensão: 737

Imagem: S/Cor

Página (s): 17

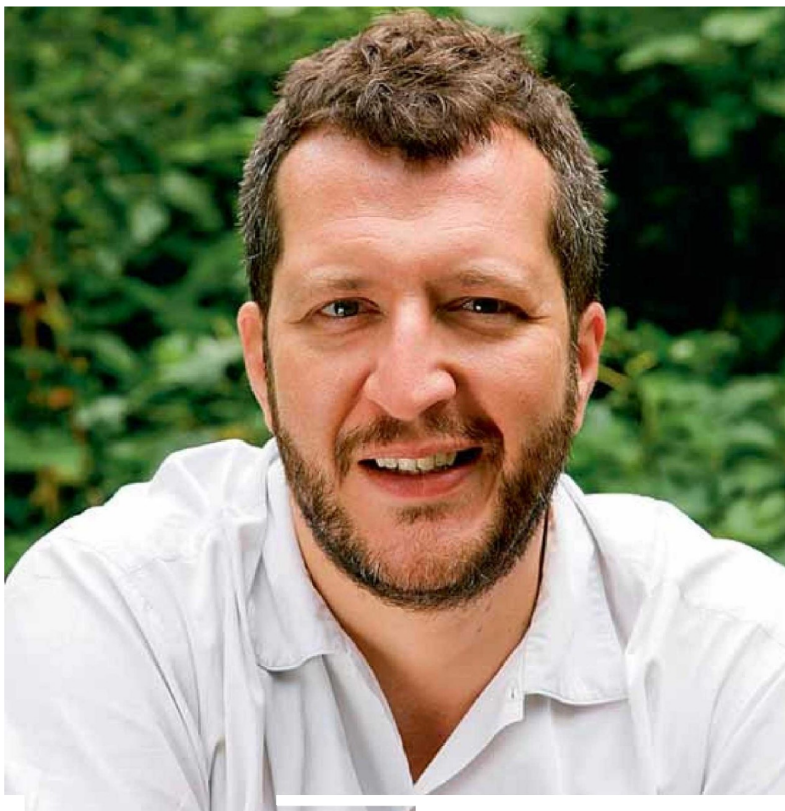


“Criar algo novo sem referências do passado é pura ilusão”

A carreira do compositor britânico Thomas Adès (n. 1971) é um caso de sucesso desde os seus primeiros trabalhos criativos no tempo em que era estudante da Guildhall School of Music and Drama de Londres. Muito cedo começou a ser solicitado por editoras de partituras (como a Faber Music) e a receber críticas entusiásticas na imprensa especializada. Contou ainda com um promotor da sua música tão importante como o maestro Simon Rattle, que lhe encomendou várias obras e escolheu inclusive uma das suas peças (“Asyla”) para o primeiro programa na qualidade de titular da Filarmónica de Berlim. Adès estudou percussão, é um pianista de alto nível (intérprete das suas obras mas também parceiro de música de câmara de artistas como o tenor Ian Bostridge ou o violoncelista Steven Isserlis) e um conceituado maestro com um repertório que se estende desde o Classicismo ao séc. XXI.

Mas o músico britânico, que se encontra em residência na Gulbenkian até ao dia 28, diz que não sabe qual é o segredo do seu sucesso. “Estou contente pelo facto de a minha música comunicar com as pessoas, mas nem sequer penso nisso quando escrevo uma obra”, diz. Quando um crítico afirmou que se tratava do mais “entusiasmante compositor das ilhas britânicas depois Purcell e Britten” achou um exagero, mas também não tem problemas em lidar com o sucesso – longe vão os tempos em que os compositores de vanguarda faziam gala de uma linguagem hermética e ficavam desconfiados quando a sua música era compreendida pelo público.

Adès tem também uma relação salutar com a herança da história da música e com a música popular urbana. “A relação próxima com a música do passado é normal e sinto que a maior parte dos compositores de hoje a cultiva. Também não vejo problemas em usar influências da cultura popular, gosto de viver em contacto com o mundo real.” Por exemplo, no 3º andamento de “Asyla” (1997) recorre a elementos da música “techno” e em “Cardiac Arrest” (1995) realizou arranjos de canções dos Madness. “Houve aquele breve período depois da II Guerra em que os compositores pretendiam criar algo novo sem referências do passado mas era uma pura ilusão e isso foi há 40 anos!”, recorda. “A questão não está em evitar ou não as referências do passado ou a outras culturas, está no que temos para dizer



Para o compositor e maestro britânico Thomas Adès, em residência na Gulbenkian até dia 28, o passado e o presente e a cultura erudita e popular são faces da mesma moeda. *Cristina Fernandes*

e se o conseguimos ou não, o material musical e as referências são apenas um meio, o que interessa é o que fazemos com esses elementos.” Mesmo assim, e apesar da sua projecção, tem consciência de que o seu trabalho chega a um público restrito. “Em nenhuma época a música clássica foi escrita para milhões de pessoas e não há mal nenhum nisso. Estou mais interessado nas reacções individuais do que nos fenómenos de massas.”

Em Lisboa, Thomas Adès dirigiu esta semana um concerto com a Orquestra de Câmara da Europa com

um programa composto por obras suas (“Three Studies after Couperin” e o Concerto para Violino), em conjunto com “Les nuits d’été”, de Berlioz, e a Sinfonia nº6, de Sibelius, e voltará a estar à frente desta excelente formação instrumental no dia 22. Nessa ocasião será possível ouvir “In Seven Days: Piano Concerto with moving image” (a primeira das suas colaborações com o artista visual israelita Tal Rosner) e a Sinfonia nº6, “Pastoral”, de Beethoven. “Trata-se de um concerto para piano que tem a ver com os sete dias da criação. Inspira-se

Génese e é uma metáfora para a variação e a criação de movimento de um andamento para o outro. A peça envolve a ideia do mundo natural, o tempo, o mar, os elementos, as plantas, os animais, o homem... Por seu turno, a Pastoral de Beethoven é uma pintura da natureza na música sinfónica. Achei que seria interessante juntar as duas obras.”

Grande parte das criações de Adès partem de um imaginário extra-musical, mas o compositor não gosta da distinção entre “música abstracta e música programática”. “Acho que é a

Planeia uma terceira ópera, inspirada no filme de Buñuel “O Anjo Exterminador”

“Em nenhuma época a música clássica foi escrita para milhões de pessoas e não há mal nenhum nisso. Estou mais interessado nas reacções individuais do que nos fenómenos de massas”

mesma coisa, qualquer obra pode contar uma história e qualquer obra pode ser vista como música pura. É uma definição antiga que vem nos livros mas que para mim não faz sentido.” No entanto, acaba por reconhecer que as duas componentes podem ter pesos diferentes na motivação para escrever uma peça quando fala de “Polaris”, uma das suas últimas obras, que irá ser apresentada pela Orquestra Gulbenkian a 27 e 28. Do mesmo programa fazem parte “Asyla” e a “Sinfonia Fantástica” de Berlioz. “Em ‘Polaris’ o que fiz foi pegar em duas ou três notas e olhá-las ao microscópio, vendo todas as suas implicações. É diferente de ‘Asyla’ [plural de asilos] que tem uma história por trás. Achei que ‘Asyla’ e a Sinfonia Fantástica de Berlioz têm muito em comum no sentido em que a Fantástica faz a primeira descrição musical do efeito das drogas e mostra uma relação paranoíca. Para ‘Asyla’ inspirei-me num hospício, mas aí é uma visão de fora e não uma vivência na primeira pessoa.”

O retrato de Adès proposto pela Gulbenkian inclui ainda a projecção no dia 23 da ópera “The Tempest”, baseada na obra homónima de Shakespeare e estreada em 2004 com grande êxito na Royal Opera House de Londres. Trata-se da sua segunda ópera – a primeira foi “Powder Her Face” – mas Adès tem já planos para uma terceira. “Será inspirada no filme de Buñuel ‘O Anjo Exterminador’”. Tomei contacto com o cinema de Buñuel muito cedo porque a minha mãe é historiadora de arte. A ópera é um meio poderoso. Não queria fazer uma peça que fosse apenas sobre a vida do dia a dia. Queria trabalhar o quotidiano de uma maneira metafórica e achei que este filme era ideal.”